

A L I B E R D A D E

n.º2 | Miniatura litteraria | anno I

Barcellos, 3 de outubro de 1885.

AOS MARTYRES DA LIBERDADE
SUPPLICIADOS NO PORTO, NOS DIAS
7 DE MAIO E 9 DE OUTUBRO DE 1829

Patibulo não foi de vil memoria
Em que expirastes, ó varões famosos:
Foi throno excelso de degraus honrosos,
D'onde voas'es aos padrões de gloria.

Lei feroz de tyranna prepotencia
Decretou derramar sangue sublime;
Viu-se a virtude no lugar do crime
Morrer ás mãos do crime a innocencia.

A justiça arvorada em arrogancia
Fulminando com leis de rigorismo
Não abala a virtude, o heroismo
Não faz tremer a sólida Constancia.

Treme de horror a candida Justiça,
Em pranto se desfaz, mal diz a espada
Que no sangue innocente foi banhada,
Por vingativa perfida cubiça.

Louvor, adoração, pranto, saudade
Tributa a patria ás cinzas illustradas
Das victimas fieis, sacrificadas
Sobre as aras de pura lealdade.

OS MARTYRES

Eis aqui, os nomes respeitaveis, dos 12 martyres, mandados suppliciar na Praça Nova, do Porto (hoje Praça de D. Pedro), por ordem d'el-rei D. Miguel I, o «Usurpador», nos dias 7 de maio e 9 de outubro de 1829, sendo essas choradas victimas apenas réus da sua dedicação pela liberdade.

Todos os cidadãos liberaes, que presam a honra da patria, não poderão, decerto, deixar passar estas datas gloriosas, sem solemnisar a memoria, d'estes 12 martyres que sacrificaram a vida em prol da liberdade.

E' um jnstissimo tributo de gratidão:
Joaquim Manoel da Fonseca Lobo;
Francisco Silverio de Carvalho M. Serrão;
Francisco Manoel Gravito da Veiga e Lima;
Manoel Luiz Nogueira;
José Antonio de Oliveira Silva e Barros;
Clemente da Silva Mello Soares de Freitas;
Victorino Telles de Menezes e Vasconcellos;
José Maria Martiniano da Fonseca;
Antonio Bernardo de Brito e Cunha;
Bernardo Francisco Pinheiro;
Clemente Moraes Sarmiento;
João Henriques Ferreira Junior.

Cal.

EPITAPHIO

Na cúpula do mausoleu que encerra os ossos dos martyres da liberdade, se acha um epitaphio em latim, que em portuguez diz o seguinte:

Pára, quem quer que és tu: dentro em ti pesa
As desgraças humanas, e contempla
Quantas, que cinzas esta pedra encerra.

Dez varões integerrimos, oh magoa!
Inda após elles, dois, sacrificados
Ao rancor nos roubou acerba morte.

Qual seu crime? Nenhum. Elles sómente
Detestavam do monstro a tyrannia
Eram fieis ao rei, eis toda a culpa.

Derramai, cidadãos, lagrimas ternas:
Tu lagrimas derrama, ó viajante:
Que motivo mais justo o vosso pranto?

Juremos desde já um odio eterno
A todos os tyrannos, isto exigem
Aquellas frias cinzas venerandas.

Eu vos saudo, cinzas venerandas:
Eu eterno adeus eu vos envio.
A paz vos seja eterna, a terra leve.

CONSELHOS A RIR

Para não se perder uma libra — Não trazer nunca no bolso mais de um tostão.

Para conservar todos os dentes, ainda quando caíam os queixaes. — Guardal-os todos n'um estojo depois de caídos.

Para não perder nunca a vista. — Nascer cego.

Para não ser demittido. — Não ser nunca empregado.

Para não ser incommodado de noite pelos persevejos. — Deitar-se sempre de dia.

Para que uma vella de stearina alumie como duas. — Partil-a ao meio e accendêr as duas metades.

Para que as botas de vitella não apertem os pés. — Usar botas de cordovão.

Para evitar os estragos que as toupeiras fazem nas plantas. — Não plantar coisa alguma em terreno onde existam toupeiras.

Para que os homens e as mulheres não fiquem calvas. — Cortar-lhe a cabeça quando nascem.

E assim successivamente.

EXPEDIENTE

«A Liberdade», sahirá duas vezes por semana e é o seu preço: mez 60 reis.